

# A CRIANÇA, O MAQUINISTA E O HOMEM: A QUESTÃO DA FORMAÇÃO DA MASCULINIDADE NEGRA EM *CANÇÃO PARA NINAR MENINO GRANDE* DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Wanderson Barbosa dos Santos<sup>1</sup>

## Introdução

*Canção para ninar menino grande* é um romance de Conceição Evaristo que nos mostra a vida do personagem de Fio Jasmim por uma perspectiva de uma narrativa feminina. A história do personagem é contada por fragmentos de memórias das mulheres que passaram por sua vida. A narradora tece os fios do romance a partir das histórias das mulheres que são parte constitutiva da história afetiva de Fio Jasmim. No romance de Conceição Evaristo, Fio Jasmim é um homem negro que trabalha como maquinista de trem. Em suas andanças e perambulações por estações de trem, Fio Jasmim cultiva relações com diversas mulheres, mesmo estando noivo de Pérola Maria. A constelação de memórias de Fio Jasmim, como um mosaico de vivências, é montada por meio das suas vivências amorosas ao longo de sua vida. Em contraponto ao silêncio de Fio Jasmim, a narradora dá voz a vida das mulheres que orbitam em torno do protagonista do romance.

Este ensaio apresenta um retrato de Fio Jasmim, personagem do romance *Canção para ninar menino grande* de Conceição Evaristo. Na forma de uma crítica literária e de um retrato sociológico, este trabalho discute a questão da formação da masculinidade negra tendo como documento estético e histórico o romance supracitado. Ao longo do texto são discutidas questões que orbitam ao tema da construção da masculinidade negra como a questão da autoestima, a afetividade e a repressão dos sentimentos. Nesse aspecto, o ensaio discute o modo como a subjetividade do negro atravessa dilemas sobre sua racialização e as formas de enfrentamento e a inferiorização de sua autoestima. Por fim, apresentamos algumas notas sobre a socialização masculina e os significados do “ser homem” no romance.

---

1 Doutor em sociologia, mestre em sociologia, licenciado em ciências sociais e bacharel em sociologia pela Universidade de Brasília - UnB. Dedicou-se à pesquisa em Teoria Crítica, Sociologia da Literatura e Educação das relações étnico-raciais. E-mail: wanderson\_santos@outlook.com.

O mergulho na subjetividade negra masculina desenhado por Conceição Evaristo em seu romance é profundo no que tange a compreensão das vivências que constituem a masculinidade negra. Da criança que é preterida no ambiente escolar por não se encaixar no ideal da branquitude, as sensações que preenchem a subjetividade pelo sentimento de ausência e não-reconhecimento, até às formas de habitar o mundo de forma insensível, isto é, sem preocupação com a afetividade do outro. Nesse amplo panorama de vivências, a autora do romance desenha um importante mosaico de afetos da identidade negra.

Quando criança Fio Jasmim é preterido por sua professora e perde o posto de príncipe para um menino branco. A rejeição projeta uma marca profunda na identidade de Fio Jasmim. O preconceito racial que, em sua infância, o convence da beleza superior da branquitude é motivo de sofrimento para Fio<sup>2</sup>. Em sua vida adulta aprende a ser um conquistador, a projetar uma narrativa de si sob o signo do que o “homem deve fazer”, e se coloca em relações no quais o desejo se mistura com a sua insegurança, a afetividade contrasta com uma indiferença ao sentir da outra. Um habitar no mundo a partir do registro de uma compensação, forma de vingança da humilhação racial sofrida em sua infância. No entanto, o norte da comprovação de seu charme leva Fio Jasmim ao sofrimento subjetivo, identificado como um vazio e angústia.

Nas páginas que constroem a narrativa de *Canção para ninar menino grande* o mosaico de sentimentos que dão sentido à vida de Fio Jasmim convoca o leitor para uma reflexão sobre a formação do homem negro. A infância de Fio Jasmim, ferida por um golpe em sua autoestima como homem negro, é remediada por seu silêncio. Não falar sobre o que ocorreu. Esconder nas dobras da memória aquilo que o feriu no ponto de vista mais íntimo. Não falar para que talvez possa um dia esquecer. Mas a dor da inferiorização, da injustiça do preconceito não desaparece quando não dita. No caso de Fio Jasmim, ela gruda em sua subjetividade. Ao tentar esconder as dores de sua autoestima, Fio Jasmim consegue o contrário, mostra suas feridas em seu olhar vazio, sua insensibilidade diante do outro.

Fio Jasmim é um personagem do silêncio que se expressa a partir de suas relações. Tanto que, a narradora do romance, fala da vida de Fio através das vidas de Pérola Maria, Juventina, Neide, Angelina, Aurora, Antonieta, Dolores, Dalva e Eleonora. Eleonora é a interlocutora sentimental de Fio Jasmim. É com ela que ele rompe o silêncio ruidoso de sua existência no mundo. É ela que se faz abrigo a Fio, tornando-se uma irmã para ele. Os não-dizeres masculinos são formados

---

2 Na forma da arte literária, Conceição Evaristo sublinha o modo de funcionamento do pacto da branquitude, conceituado por Cida Bento (2022). É por meio do pacto narcísico da branquitude que as estruturas de violências simbólica do racismo preservam-se no Brasil. Os sujeitos brancos em sua homogeneidade nos postos de poder instrumentalizam seus privilégios para a submissão da população negra. Como forma narcísica de preservação, a branquitude passa a valorizar somente a si mesma. A sua cultura, a sua estética, o seu modo de ser no mundo. Em contrapartida, rebaixam tudo aquilo que considera como o “outro”: “Esse pacto da branquitude possui um componente narcísico, de autopreservação, como se o “diferente” ameaçasse o “normal”, o “universal”. Esse sentimento da ameaça e medo está na essência do preconceito, da representação que é feita do outro e da forma reagimos a ele.” (Bento, 2022, p.18).

por uma construção da identidade que se baseia na rejeição da sentimentalidade, entendida por um viés sexista como atributo do mundo feminino. Fio Jasmim reproduz o sexismo que, em alguma medida, também produz sofrimento a ele.

Nesses sentidos, ao pensarmos o personagem de Fio Jasmim colocamos em questionamentos a complexidade da construção da identidade do homem negro. Atravessada por um sentimento de inferiorização provocado pelo racismo e pela imposição de um padrão de beleza da branquitude, bem como por uma repressão dos sentimentos e pelo sexismo da cultura brasileira<sup>3</sup>. A pergunta “o que é ser homem?” perpassa a construção de Fio Jasmim como personagem, mas também como fragmento de uma experiência coletiva do que é ser um homem negro em uma sociedade racista e sexista. A criança, o maquinista e o homem são momentos vivenciais da constelação das experiências da construção da masculinidade negra de Fio Jasmim. Pensando a potência da narrativa de Conceição Evaristo, portanto, propomos rascunhar algumas notas ao longo do ensaio a respeito da construção da masculinidade negra a partir da obra *Canção para Ninar menino grande*.

## 1 Questões de subjetividade: tornar-se negro

Em uma sociedade que mobiliza seus sentidos por meio do racismo, a compreensão de si como um sujeito negro se dá por meio de um choque de racialidade. É na tensão com o padrão da branquitude que o sujeito se enxerga negro. O choque racial, em muitos casos, ocorre logo na infância, como retratado por Conceição Evaristo em *Canção para ninar menino grande*. Fio Jasmim, protagonista do romance, entende-se como um sujeito racializado em sua infância, na ocasião em que é perde seu papel de príncipe para um menino branco e loiro. No momento do choque racial a branquitude reafirma o caráter ideológico de sua superioridade, rebaixando a beleza negra, inferiorizando-a em sua autoestima e segregando a sociedade. A travessia que leva a formação da identidade racial negra, portanto, perpassa um momento de choque da inferiorização.

Fio jasmim seria o príncipe da noite. Se naquele dia, quando tinha apenas oito anos de idade, a professora, Dona Celeste, depois de ter contado a história da Cinderela, impediu que ele encarnasse o papel do príncipe, chamando, no jogo cênico, um menininho loiro, ele agora poderia ser tudo, Seria então o Príncipe negro da noite e encontraria tantas mulheres, tantas cinderelas, quanto o seu coleguinha branco, com certeza, estava

---

<sup>3</sup> Penso que a alusão crítica aos escritos de Lélia Gonzalez a respeito da relação entre sexismo e racismo seja fundamental para o entendimento do ponto. Lélia Gonzalez (2020) sublinha que o resultado da dupla opressão, racial e de gênero, fere particularmente a vida das mulheres negras. Na obra de Conceição Evaristo o ponto é relevante, afinal, em resposta ao sofrimento racial e ao preconceito, Fio Jasmim assume a forma do sexismo como meio de subjetivação de sua masculinidade. Como aprendemos com Lélia Gonzalez, é importante refletirmos criticamente sobre o lugar das mulheres negras nas estruturas de poder, sobretudo para não perpetuar a negação dos problemas de opressão da sociedade brasileira: “Nossos parceiros do movimento reproduzem as práticas sexistas do patriarcado dominante e tentam nos excluir da esfera de decisão do movimento. E é justamente por esse motivo que buscamos o movimento de mulheres, a teoria e a prática feministas, acreditando poder encontrar ali uma solidariedade tão cara à questão racial: a irmandade.” (Gonzalez, 2020, p.148).

encontrado na vida. Eles eram homens. E, como o homem branco, ele conquistava todas as mulheres que surgissem na sua frente. Eram iguais, ele e o homem branco, assim pensava Fio Jasmim... (Evaristo, 2022, p. 22).

A lembrança da inferiorização na escola é uma ferida carregada por Fio Jasmim com muito sofrimento, na medida em que, gruda em sua autoestima e se torna uma vergonha que o assombra por toda a vida. Crescer sob o signo da falta, da impossibilidade de ser um outro desejado por uma cultura do embaquecimento, produz em Fio Jasmim uma série de reações de compensação à situação de humilhação ocorrida em sua infância.

Neusa Santos Souza (2021), no livro *Tornar-se negro*, propõe uma interpretação para as experiências do negro em uma sociedade ideologicamente branca. A socialização das crianças negras no racismo é cruel, na medida em que as coloca em um lugar de constante ausência e renúncia de sua identidade. Como apresenta a autora, ao negro tudo que lhe cabe são as formas de ser em negatividade: irracional, feio, exótico, ruim e sujo, sendo assim negada a ele toda a possibilidade de construir uma autoestima própria a partir dos padrões de sua raça. No entanto, a profundidade da violência é maior, visto que o próprio sujeito negro se convence ideologicamente de sua inferioridade. Nesses temos a ideologia racista da branquitude produz um ser social violentado em sua própria essência, ferido em sua identidade e propício para acreditar em uma subjetividade pautada na negatividade: “O negro acreditou no conto, no mito, e passou a ver-se com os olhos e a falar a linguagem do dominador.” (Souza, p. 60, 2021).

A lembrança da exclusão racial na infância marca profundamente Fio Jasmim e se torna uma ferida não-nomeada. Ao longo da trama o personagem é marcado pelo silêncio. Sabemos de sua história a partir das experiências contadas pelas mulheres que passaram em sua vida. Como uma memória que palpita ainda atualizada para Fio Jasmim, o não-reconhecimento de sua beleza na infância, o rebaixamento como homem, a insinuação de que não seria digno de ser um príncipe, deslocam o personagem para um comportamento de compensação, ou melhor, uma espécie de vingança silenciosa contra o preconceito racial que o feriu em sua infância.

Na vida adulta, Fio Jasmim se embrenha no caminho da conquista das mulheres. Para ele é a forma de reverter o rebaixamento sofrido em sua infância. Como se fosse um modo de provar que tudo foi uma injustiça e que ele pode ser o príncipe negro. O fato de ser narrado do ponto de vista das mulheres que se apaixonaram por Fio Jasmim, gera no leitor a impressão de que se trata de um príncipe negro, cordial, mas que se entrega ao amor de forma fugaz, ritmado por suas paradas pelas estações de trem. Ao se afirmar como um homem atraente, o príncipe negro, Fio Jasmim subjetivamente se sente vingado da dor não-nomeada do preconceito em sua infância. A ferida não elaborada do ponto de vista de uma reflexão profunda, escondida como um segredo não-dito é remediada por sua relação com as mulheres. Mas o antídoto se mostra como um veneno para

Fio Jasmim, uma vez que não ameniza sua angústia e o seu vazio: “Talvez ele já estivesse tão viciado em conquistar as mulheres, que nem pensasse mais no que estava fazendo. Ah, homem tem que ser assim! E, já que tinha começado, iria até o fim.” (Evaristo, 2022, p.70)

Fio jasmim, socializado em uma cultura machista e desconhecedor de uma formação de identidade negra afirmativa, somente tem como remédio para suas dores o sexismo. Instrumentaliza sua beleza para objetificar as mulheres. Como forma de elaboração da rejeição sofrida na infância, coloca-se no mundo como um ser insensível. O ponto é relevante para pensarmos a importância da construção de outros padrões de identidade, mais afirmativos no sentido da valorização da cultura e da empatia pelo outro. Ao longo do romance, as referências positivas de masculinidades são escassas. Na contramão, lemos um repertório diversificado de um padrão masculino que condiciona o que é o “ser homem” e o “ser macho” para um sentido do patriarca que submete um outro sem vontade.

Assim, a vingança de Fio Jasmim contra a sociedade é ainda assim alienada. Não se dá por um empoderamento e valorização de sua identidade como homem negro, mas sim, pela submissão da mulher e a instrumentalização de sua beleza em prol da conquista. A prova que Fio Jasmim oferece internamente contra a injustiça do seu rebaixamento racial se dá a partir na forma como ele facilmente conquista outras mulheres. Nesse aspecto, é interessante pensar como Patricia Hill Collins (2022) que destaca a questão da interseccionalidade, isto é, compreender a forma relacional das estruturas de poder em seu vínculo de classe, raça e gênero. Fio Jasmim, vítima do preconceito racial na infância, se municia do sexismo de sua cultura para manter relações de subordinação em que ele é o dominador. A experiência literária da vivência de Fio Jasmim aponta para a necessidade de pensarmos não somente a abolição da dominação da branquitude patriarcal capitalista, mas também a necessidade de produzir novas formas de relações, dessa vez pautadas em um ideal de justiça e, sobretudo, alicerçadas em práticas antirracistas e feministas.

Fio Jasmim encarna os dilemas de um sujeito ferido em sua autoestima pelo preconceito racial mas que, de algum modo, se apropria do sexismo para se subjetivar pela via do machismo, ou melhor, da masculinidade patriarcal. Novamente pensando com Patricia Hill Collins (2019), a sociedade contemporânea que se alimenta de uma herança colonial de subordinação dos sujeitos se estrutura a partir da produção de imagens de controles e definições sobre o que é ser um sujeito racializado. Essas imagens de controle servem para a opressão, na medida em que sustentam ideologicamente as visões de superioridade ideológica da elite branca e masculina. Para Collins (2019), as mulheres negras estão na base de todas essas opressões, uma vez que lhe foram negadas as possibilidades de construção de imagens próprias e que são objetificadas a partir de estereótipos raciais. Fio Jasmim como homem negro ocupa uma posição de relativo poder em sua sociedade e o mobiliza sobretudo para a subordinação das mulheres negras.

Assim, mesmo que ferido pelo sofrimento do preconceito racial, as experiências de Fio Jasmim mostram o problema da adoção do padrão de dominação sexista que objetifica a mulher em uma rede de relações. Embora as relações de Fio Jasmim com as mulheres do romance tenham se dado no âmbito do consentimento mútuo, ele as enganava ocultando seu casamento e suas intenções de casualidade. O engano das relações se dava no âmbito dos não-ditos e da ilusão da entrega. Da perspectiva das mulheres do livro, permanece o sentimento do abandono de Fio Jasmim. A cada parada nas intenções de trem ele renova o seu desejo e vai embora em seguida deixando o desamparo e a solidão feminina. Na narração do romance, percebemos o personagem de Fio Jasmim alheio as dores dessas mulheres, insensível à solidão das mulheres de sua vida.

A narradora situa o ponto na cena em que Fio Jasmim descobre que uma de suas amantes cometera suicídio. No relato outros homens conversam com Fio sobre o ocorrido. O momento é revelador da questão da maneira como se constroem as alianças masculinas para a objetificação da mulher. Diz o trecho, “Fio Jasmim e os outros maquinistas tiveram notícias da trágica morte da moça. Por um minuto, não mais se penalizaram com o destino dela, para depois comentarem que ela parecia mesmo aluada.” (Evaristo, 2022, p.37). A definição de “aluada” serve como o mecanismo de manutenção das alianças masculinas a partir de uma transformação da mulher na “louca”. Perpassa o tecido dessas relações a insensibilidade com a experiência do mundo da mulher, mas sobretudo a sua estigmatização a partir do registro da insanidade.

A masculinidade como uma forma de apoio, um pacto entre homens, é o que confere a Fio Jasmim o amargo remédio para suas dores existenciais. Remédio que se torna um veneno, na medida em que o sofrimento não cessa com os encontros calorosos do príncipe negro. Fio Jasmim é um personagem que se mostra incapaz na retribuição do afeto. Bell Hooks, no livro *Tudo sobre o amor*, apresenta uma importante reflexão crítica sobre esse sentimento. O amor é algo que se aprende, isto é, não é natural aos seres humanos, mas sim, aprendido socialmente: “Nós aprendemos sobre o amor na infância. Seja no nosso lar feliz ou problemático, na nossa família funcional ou disfuncional, é essa a primeira escola do amor.” (HOOKS, 2021, p. 10). A infância de Fio Jasmim carrega um pouco desse tipo de desamparo em relação ao amor, ou melhor, uma forma disfuncional de amar. O amor aprendido, sobretudo a partir das lições de seu pai, é o amor disfuncional que objetifica as mulheres e as coloca como um objeto para a mediação de seu próprio gozo. No romance, o amor aprendido na infância não é um amor baseado numa ideia de justiça e reconhecimento do outro. A insensibilidade de Fio Jasmim, a incapacidade de retribuir o afeto é percebida por Dalva em uma cena em que enxerga Fio como um menino desamparado. A mulher novamente assume as rédeas da doação afetiva para que o homem permaneça seguro em sua casca na qual a sentimentalidade não adentra: “Aliás precisava sim, de afetos. Mas seu príncipe negro parecia tão sozinho, tão desamparado, tão escorregadio em sentimentos

para além de uma virilidade física que, uma vez satisfeita, apontava para o nada.” (Evaristo, 2022, p.86).

## 2 Os não-dizeres masculinos: repressão dos sentimentos

A história de uma vida contada pelo olhar de outras pessoas. O encontro entre duas pessoas que de sua natureza fugaz sintetiza o destino de uma vida. O fragmento da memória, a saudade, o desejo realizado por um dia que embala o tecido do tempo da própria vida. Fio Jasmim é um homem que tem sua vida contada pelas memórias das mulheres que passaram por sua vida. No romance de Conceição Evaristo a narração tem um contorno inovador, na medida em que a trajetória de vida é composta pelos retalhos da memória, ou seja, é tecida pela forma literária da escrevivência.

O retrato de Fio Jasmim é pintado por suas relações ao longo da vida. Das memórias de criança, os ensinamentos de seu pai, seu trabalho como maquinista de trem, seu casamento com Peróla Maria, suas experiências com suas amantes, são todos relatos que vão montando a sua existência através das relações com o outro.

A leitura do romance situa o silêncio de Fio Jasmim, em determinado momento, o seu silêncio diz muito sobre a sua experiência no mundo. O rompimento do silêncio, a fala sobre suas amarguras se dá na improvável amizade entre ele e uma mulher. Tão acostumado em objetificar sua relação com o sexo feminino, Fio Jasmim encontra em Eleonora Distinta de Sá uma interlocutora sentimental. Ele também aparece na vida dela dessa forma. Eleonora é uma mulher lésbica. Tem em sua trajetória a dor da não aceitação e o vazio de um amor perdido. Do encontro fortuito em uma mesa de bar nasce o que a narradora chama de uma “irmandade”. É através de Eleonora que sabemos dos segredos mais íntimos de Fio Jasmim: a dor da rejeição e o fardo de não saber amar. Assim nasce um laço: “Ela nos trouxe uma face encoberta de Fio Jasmim, que talvez nem ele mesmo soubesse ser possuidor. Distinta de Sá foi a única mulher que percebeu o esvaziamento que Fio trazia no peito. Ela compreendeu que nele morava também o desespero.” (Evaristo, 2022, p.129). Fio Jasmim e Eleonora Distinta de Sá tornam-se confidentes. Um tipo de encontro que à primeira vista desvela o outro na nudez da alma. Os dois identificam-se em sua solidão. Se Fio Jasmim de forma cínica se apresenta ao mundo como um homem perfeito, Eleonora enxerga para além da fantasia do príncipe negro e enxerga a solidão do menino humilhado. Se Eleonora tenta curar as dores de um amor não correspondido, Fio Jasmim enxerga o caráter implacável do tempo e acolhe a dor de alguém que não experimentou o amor.

A correspondência afetiva entre Fio Jasmim e Eleonora Distinta de Sá é um ponto chave da narrativa. É através de Eleonora que sabemos dos dilemas mais íntimos de Fio. Mesmo tendo inúmeras oportunidades de se abrir para sua esposa e suas amantes, Fio sempre demonstrou uma espécie de vazio, distanciamento, um caráter *blasé*. A indiferença para com o sentimento do outro é quebrada ao

conhecer a história de sofrimentos e interdições de Eleonora: “Foi preciso que esse homem, que se julgava perfeito, encontrasse com Eleonora Distinta de Sá, para que ele se atentasse para as próprias dores e para as que existem no mundo.” (Evaristo, 2022, p.120). Nasce ali uma forma de empatia que embala as cenas das confissões de Fio que nunca chorava, sempre reprimira as lágrimas como aprendera em sua infância, mas com Eleonora transborda sua sentimentalidade e as dores do racismo que minaram sua autoestima. Os silêncios de Fio e Eleonora ecoam na trama de *Canção para ninar menino grande*, como diz a autora “partitura da composição musical”, sobre as dores do mundo que projetam as suas existências.

Quando Distinta de Sá contou a Fio Jasmim partes de dores da vida dela, o homem se abismou. Ele nunca tinha prestado muita atenção aos sofrimentos dos outros, nem aos dele próprio. A dor que Jasmim guardava e que nunca comentara com ninguém foi quando não pôde ser o príncipe na escola. Mas tudo havia ficado no passado distante; ao crescer, ele foi construindo seu reino próprio, experimentando modos de viver outras realezas. *Dores também não eram sentimentos para homem. E sim das mulheres.* (Evaristo, 2022, p.120, grifos nossos)

A ilusão biográfica de Fio Jasmim é a de que o passado permanece do passado, como em uma lógica progressista, sempre linear de superação. É uma ilusão. O passado informa o presente, projeta o futuro e é a base para a constituição de todo ser social. Fio se convence que é um ser sem historicidade, como se sua vida iniciasse sempre no instante do presente. Derivado do conjunto de opressões de sua sociedade, sobretudo a violência racial, Fio Jasmim apresenta uma subjetividade alienada<sup>4</sup>. O automatismo dos seus atos de traição desvela a condição irrefletida de seu ser social. Liberado do gozo libidinal ele se volta ao seu vazio, fato percebido por Eleonora.

Aliás, é através da empatia com a história de vida dela que Fio Jasmim liberta-se do eclipse da alienação, ao visitar de forma autêntica as vivências de sofrimento de Eleonora. A irmandade empática de Eleonora e Fio se desenlaça na trama como um rompante para a transformação subjetiva. A potência da vivência de outro, do olhar sensível para aquilo que assombra, atormenta, se mostra como um antídoto para o veneno da reprodução das opressões sociais. Se Fio Jasmim convive na trama ferido pelas dores da violência racial e municiado pelo padrão de relações patriarcais que submetem a mulher negra, é mediado pela experiência de uma mulher lésbica que ele se remonta.

---

4 Pensamos aqui no conceito de alienação presente no livro *Manuscritos econômico-filosófico* de Karl Marx. As transformações sociais que fundam o capitalismo produzem uma nova ontologia. O ser social do capitalismo encarna o estranhamento diante do mundo do trabalho, mas também uma alienação de si mesmo. A objetivação da vida, a predominância da lógica do valor, empobrece a experiência humano rumo à uma própria desumanização. A questão da alienação nos provoca a pensar um processo de autoalienação, ou melhor, de autoestranhamento, quando o sujeito desconecta de sua essência esvaziando seus sentidos históricos e culturais. A ontologia moderna em sua face alienada produz formas de empobrecimento da experiência do ser. No que diz respeito a situação do romance, notamos o retrato de Fio Jasmim como um retrato da experiência de alienação racial. A colonização e o processo de escravização produziram no negro uma alienação racial, na medida em que, ele se coloca no mundo como um ser com uma história apagada.

No entanto, a lição de cunho mais severo e doce que Fio Jasmim aprendeu foi com uma mulher. Uma mulher a quem ele nunca cortejou. Com ela, aprendeu que o homem podia, sim, verter em lágrimas suas dores e sua perplexidade diante da vida, diante do mundo. (Evaristo, 2022, p.130).

### 3 A questão da masculinidade

O que faz um sujeito? Como é moldada a sua identidade? Quais experiências grudam em sua subjetividade? Rascunhamos algumas notas para parte de algumas dessas questões a partir da crítica do livro *Canção para ninar menino grande*. Vimos que o texto de Conceição Evaristo através da escrivência desvela os conflitos e experiências que passam a constituir a vida de Fio Jasmim. Há na questão da masculinidade reflexões importantes para a elaboração em crítica literária. O que significa ser homem perpassa o mundo do trabalho, a repressão dos sentimentos e a submissão da mulher. Os três atributos como uma tridente da injustiça do mundo são alicerçados por uma performatividade predatória do homem no mundo. O homem não pode negar fogo, não pode falhar no trabalho, não pode se expressar do ponto de vista dos sentimentos...uma identidade construída na interdição, sendo apenas permitida a raiva que incendeia e tornar-se fogo: “Que tipo de homem ele era? Já estava negando fogo? Tão jovem assim...” (Evaristo, 2022, p.56). A experiência de preconceito racial, como vimos, produz reações de compensação e uma constante inquietude ocultada como um segredo pelo personagem. Sua vida é marcada por uma tentativa de vingar o príncipe negro infantil retirado de seu trono por sua professora. A ferramenta da conquista do reino do príncipe foi a conquista, a objetificação da mulher e a instrumentalização do sexismo. Embora a frieza das relações com o mundo feminino tenha sido quebrada por sua irmandade com Eleonora Distinta de Sá, importa a nós pensarmos a forma como sua experiência masculina foi elaborada no romance.

Há passagens presentes na obra de Conceição Evaristo que nos concedem fragmentos de reflexividade sobre a formação da masculinidade negra. O que significa ser homem para Fio Jasmim? A resposta, elaborada esteticamente ao longo do romance, tem muito de um documento de experiência para a elaboração mais ampla sobre a construção da masculinidade. O ponto que já se mostra apresentado ao longo do ensaio é que tal formação é embebida na cultura sexista. Tal incorporação da cultura internaliza no sujeito sentidos e práticas para uma submissão da mulher, em específico na obra, no âmbito da afetividade.

Tal incorporação da cultura sexista se dá por um pacto da masculinidade na obra e o significado de ser homem perpassa por três aspectos: a subjetivação através do trabalho, a contenção do que é visto como sentimentalidade e o controle das mulheres. No que diz respeito ao trabalho, Fio Jasmim rememora seu pai para quem é por meio do ofício que se forja o “homem de ferro”, referência à ideia de que o homem se entrega ao trabalho de modo incansável, mantém-se nele de forma firme e objetiva. Na situação do romance que Fio Jasmim se envolve com

Aurora e, perdido em sua paixão fugaz, faz com que o trem atrase, é a memória de seu pai que o atormenta: “Ele sabia o tamanho do seu erro. Seu pai, seus tios, seus primos mais velhos., todos os homens de sua família eram homens de trabalho. Homens de ferro, de barro não, pois barro quebra...” (Evaristo, 2022, pp.48-49). O trabalho como uma forma de afirmação da masculinidade também se afirma como o âmbito da celebração dos pactos masculinos de submissão da mulher. Sendo o trabalho entendido como um valor do ser homem, pensamos que ele é assim por ser a esfera de silenciamento das vozes femininas, domínio por excelência do ponto de vista do homem sobre a história.

O espaço de trabalho, como área de celebração do pacto da masculinidade, é também o terreno da reprodução de noções sobre a virilidade. Como elabora Fio Jasmim: é necessário ser um homem de ferro, um homem que não quebra, como uma haste rija que sempre tem o que oferecer. Nesse sentido, o mundo da rigidez do trabalho masculino naturalmente é contraposto pelo mundo de barro que, aqui deduzimos ancorados em nossa leitura crítica, é o mundo da feminilidade e da sentimentalidade.

A construção da masculinidade de Fio Jasmim portanto perpassa uma outra dimensão. Ser homem significa aprender a conter os impulsos do sentimento, não expressar as emoções como forma afirmativa de estar no mundo. As cenas de Fio Jasmim e Eleonora ao final do romance são reveladoras de uma quebra dessa dimensão da masculinidade de Fio. O encontro de Fio com Eleonora revela o momento em que as emoções transbordam e que o personagem se mostra em sua nudez de sentimentos. No entanto, ao longo da constelação de memórias de Fio presentes na trama, lemos um homem que foi socializado na forte convicção da repressão do sentimento.

Fio Jasmim, depois que se entendera por gente, ou melhor, bem antes, ali pelos dez anos, chorara muito pouco diante de alguém. Se tinha raiva, medo ou tristeza, lágrimas vertidas para dentro pretendiam dar conta de qualquer sentimento. Aprendera, desde cedo, a engolir o choro e deixar de lado qualquer sentimento que parecesse dor ou tristeza. Só a raiva era permitida, se não fosse contra os mais velhos. Raiva, explosão, enfrentamento na rua eram atitudes de um menino que estava se tornando homem. (Evaristo, 2022, p.111).

Tornar-se homem no contexto do romance é adentrar a gaiola da performatividade masculinista da insensibilidade. O único sentimento válido ao homem é a raiva que logo transborda na violência e naturaliza formas de agir calcadas na força. Como mostramos ao longo do ensaio, o veneno da violência racial levou Fio Jasmim a se iludir com o antídoto do sexismo. Como um homem negro profundamente ferido pela violência racial, ferida profunda que se deu em sua autoestima, aprendeu que a opção para seus conflitos e dilemas subjetivos era o silêncio. Afinal, ser homem significa não falar sobre essa esfera que é particular do mundo feminino.

Do ponto de vista de uma crítica literária, compreender a elaboração literária de Conceição Evaristo como um aprisionamento da masculinidade, é a chave para a interpretação crítica do livro. Não se trata de justificar a visão de mundo de Fio ou condená-lo como um homem. Parece-nos que o ponto da constelação de experiências dessa literatura é contemplar e criticar de forma propositiva os padrões de relação do mundo patriarcal e racista. O encontro final entre o protagonista da obra e Eleonora é representativo de um momento em que faíscas da experiência literária fagulhas que sinalizam caminhos para um outro mundo, mais justo, sensível, empático e menos masculino. Um movimento de justiça estruturado por um radical sentimento de empatia e humanização das relações em oposição ao mundo objetificado do racismo e do sexismo.

A última camada da tríade da masculinidade predatória é a submissão da mulher. Embora ela se expresse nas concepções excessivamente fálicas do ser homem também no trabalho e na repressão da sensibilidade, no campo específico das relações entre homens e mulheres ela se apresenta em sua expressão mais desnudada. O pai, como a referência máxima do que é ser um homem para Fio Jasmim, é a representação da cultura masculina do sexismo. É pela expressão da masculinidade predatória que as mulheres são presas nas estruturas matrimoniais que projetam na mulher a figura da esposa. Da conjugação de matrimônios de aparência, eclodem as rupturas dos adultérios escondidos que são naturalizados a partir dos pactos da masculinidade. A busca irrefletida pela conquista de mulheres, que suas interlocutoras na narrativa a nomeia como um “vício”, é a face concreta do sexismo das relações entre os homens e mulheres. Fio Jasmim ancora seu comportamento na justificativa subjetiva de vingança do príncipe negro e vemos que, ao longo de sua vida, há mais reflexividade sobre suas ações. No entanto, é a partir dos sentidos de uma cultura sexista que ele constrói sua trajetória de vida. Engenhosamente, Conceição Evaristo situa o seu aprendizado no padrão de referência masculino de Fio Jasmim, no caso, seu pai.

Ancorar seu corpo nos corpos de diversas mulheres tinha sido uma lição que Fio Jasmim aprendera com o próprio pai. Filho de Máximo Jasmim, um homem de pequeno porte, aparentemente tímido e que tinha uma prole de dezessete filhos espalhados pelo interior de Minas Gerais afora. [...] Fio cresceu ouvindo as proezas do pai. Aprendera com ele que ser homem era ter várias mulheres. E o mais certo era escolher, dentre elas, uma mais certa ainda para o casamento. Cedo, Fio Jasmim começou a buscar avidamente por mulheres, como se o nosso corpo não tivesse outra função, a não ser a de ancoradouro para os homens. (Evaristo, 2022, p.93).

O pai de filhos ausentes e que entende a mulher como posse é a síntese da cultura sexista brasileira e suas bases patriarcais e racistas.

## Considerações finais

Ao longo deste ensaio refletimos sobre o retrato literário de Fio Jasmim. O romance *Canção para ninar menino grande*, de Conceição Evaristo, foi lido como documento estético e literário, mas também como documento da cultura, retrato sociológico. Nesse sentido, as reflexões sobre a formação da masculinidade negra, o impacto do racismo na construção de uma subjetividade ferida e os demais temas refletivos nas páginas deste ensaio se mostram como questões que são tanto intrínsecas ao romance, como também são experiências do mundo. O olhar do autor deste ensaio mirou tanto nos aspectos internos da obra, como também nos seus diálogos com o momento histórico-cultural. E é nesse âmbito que penso o livro de Conceição Evaristo como uma experiência movente de apreensão dos sentidos que formam os sujeitos e, sendo assim, como um documento relevante para pensarmos a literatura e a sociedade.

## Referências

- BENTO, Cida. *O pacto da branquitude*. São Paulo: Companhia das letras, 2022.
- COLLINS, Patricia Hill. *Bem mais que ideias: a interseccionalidade como teoria social crítica*. São Paulo: Editora Boitempo, 2022.
- COLLINS, Patrícia Hill. *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. São Paulo: Boitempo, 2019.
- EVARISTO, Conceição. *Canção para ninar menino grande*. Rio de Janeiro: Pallas, 2022.
- GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- HOOKS, Bell. *Tudo sobre o amor: novas perspectivas*. São Paulo: Editora Elefante, 2021.
- MARX, Karl. *Manuscritos econômicos-filosóficos*. São Paulo: Editora Boitempo, 2004.
- SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

Recebido em 23 de agosto de 2024

Aprovado em 18 de novembro de 2024